

una película, un tipo determinado de medicina o de comida no son actos individuales banales o caprichosos, sino decisiones impregnadas de significado. Son actos de adhesión hacia ciertos grupos y estilos de vida, pero también de protesta y rechazo violento contra un modelo de sociedad no deseado. Así, en nuestra sociedad conviven distintas culturas simultáneamente, y las relaciones entre ellas no son pacíficas, sino que se encuentran sometidas a tensiones que se explican a sí mismas en una teoría del consumo activo. Nuestros gustos no son opciones personales: obedecen a patrones estandarizados que delimitan los territorios de lo público y lo privado, o lo superior y lo inferior. "Los objetos se eligen porque

no son neutrales" (94) y toda elección es un acto reactivo, de hostilidad del consumidor para con otros consumidores.

La inteligente concepción del consumidor como individuo activo, que desarrolla Douglas en este libro, nos permite distanciarnos de la imagen del individuo pasivo y atrapado en un engranaje social que es ya un clásico como figura en la investigación social. Leer a esta antropóloga, en este caso de la vida diaria, se convierte en un ejercicio de liberación de la idea de considerarnos seres sociales sin capacidad de actuación y recuperar el carácter preformativo de la comunicación humana.

Cristina Peñamariñ

DANI CAVALLARO E ALEXANDRA WARWICK
FASHIONING THE FRAME: BOUNDARIES, DRESS AND BODY. Oxford, New York: Berg, 1998, 214 pp. ISBN 1-85973-981-4 (hardback); ISBN 1-85973-986-5 (paperback).

O fascinante livro de Dani Cavallaro e Alexandra Warwick já seduz o leitor pelo título de difícil tradução para o português: se "fashion" é moda, então poder-se-ia traduzir como "modando" ou até mesmo "moldando" a moldura. O que está moldando ou sendo moldado?

No prefácio, os autores chamam a atenção do leitor para a dificuldade de demarcar os limites do corpo. Cabelos, unhas, secreção, a própria pele podem ser encarados como parte integral da identidade e do funcionamento do corpo, portanto, apêndices indispensáveis. A seguir vêm a maquiagem, a tatuagem

e a roupa. A roupa é parte do corpo, ou uma mera extensão do mesmo, ou um suplemento?

A relação entre vestimenta e corpo é intrincada. Segundo a teoria da suplementariedade de Jacques Derrida, o suplemento opera simultaneamente como um apêndice opcional e como uma complementação necessária.

Por outro lado, a idéia abordada nesta obra de que o corpo é um limite, mas também um não-limite, torna a questão ainda mais ambígua, pois corpo/vestimenta implica em "self/non-self". Como a roupa marca os limites

ambiguamente, esta ambiguidade nos perturba, porque desde sempre sistemas simbólicos e rituais serviram para delinear limites na sociedade, reforçando deste modo esta fronteira. Entre uma e outra margem da fronteira "a poluição vaza". Portanto, roupa é a fronteira entre o "self" e o "não-self" (eu/não eu).

A roupa põe uma moldura do corpo e, assim, desperta a fantasia do outro, conectando o "self" individual ao outro coletivo. Isto pode ser visto como uma "contaminação" (a imagem do corpo assaltada pelo outro externo) ou uma "autodisseminação" (o corpo se dispersa ao penetrar no mundo exterior). Portanto, a roupa nos define, mas também nos desindividualiza.

No dia-a-dia, a roupa lembra o leitor de sua dependência de margens e limites para a execução de sua autoconstrução. Este papel é desempenhado pelo indivíduo tanto no nível do simbólico como do imaginário. No nível imaginário, a roupa representa a projeção dos egos ideais que procuramos corporificar; no simbólico, a roupa é uma projeção nos códigos da vestimenta e nas convenções que fazem parte de uma cadeia de valores intersubjetivos que garantem a socialização. O simbólico levanta as ba-

reiras para determinar o que é próprio e impróprio, o que vem de encontro à teoria da abjeção proposta por Julia Kristeva. A abjeção consiste numa série de movimentos para expulsar e rejeitar tudo que o ameaça a existência do sujeito como entidade autônoma e diferenciada. Portanto, a abjeção é aquilo que perturba a identidade, o sistema e a ordem. Se o corpo é tão difícil de ser definido, a roupa reforça a fluidez desta moldura levantando a questão pouco confortável: onde termina o corpo e onde começa a roupa?

Cavallaro e Warwick tentam responder esta questão em sua obra, dividida em cinco capítulos e com uma introdução sobre "o corpo na filosofia e nas teorias de representação". Todas estas questões vêm à tona diariamente quando abrimos nosso guarda-roupa, olhamos os fragmentos de nossa realidade, tentamos selecioná-los e combiná-los para obter um efeito psicológico ou político no decorrer do dia. Semiconscientes ou inconscientes orquestramos o nosso discurso, pensando simbolicamente ao querermos infiltrar nosso corpo além de seus limites.

Monica Rector